



( X ) Pesquisa Acadêmica ( ) Prática Educativa  
(identificar qual modalidade o trabalho está sendo submetido)

## O NOVO ENSINO MÉDIO EM PRIMEIRA PESSOA: considerações acerca do cotidiano escolar de/por jovens campineiros<sup>1</sup>

Yan Pedro Dutra Barbosa<sup>2</sup>  
yanpedro836@gmail.com

Gabriela Costa Colombo<sup>3</sup>  
gabi.louva@gmail.com

João Lucas Botari da Silva<sup>4</sup>  
joalucasbotaridasilva@gmail.com

Renan Pessina Gonçalves de Lima<sup>5</sup>  
renanpessina@hotmail.com

### Resumo

O principal objetivo do projeto é investigar sobre as percepções de nós estudantes-pesquisadores sobre o Novo Ensino Médio e suas questões que nos incomodam, e em especial, que percebemos a partir das nossas vivências na escola e contato com colegas e professores. Para alcançar esse objetivo, utilizamos a pergunta: “Como o novo ensino médio tensiona o cotidiano escolar de jovens campineiros e a construção dos seus projetos de vida?”. A presente pesquisa utilizará a metodologia do *Problem-Based Learning* (PBL), também conhecido como Aprendizado Baseado em Problemas, cujo objetivo é construir o aprendizado a partir de problemáticas que acontecem na vida dos interlocutores, promovendo um senso crítico sobre a situação problema. Por consequência disso, o Novo Ensino Médio carrega consigo muitas expectativas, mas que também traz contrariedades aos jovens nas escolas públicas e estaduais do município de Campinas. Portanto, pensar no espaço em que ocupamos como estudantes, com o auxílio de criação de narrativas e análises de textos que envolvam esta reforma, que está precarizando e provocando a desigualdade educacional em relações as escolas públicas e estaduais no município de Campinas, poderá auxiliar na resolução e na compreensão desta questão-problema.

**Palavras-chave:** Políticas educacionais; Projeto de Vida; Narrativas.

### Introdução e enunciado do problema

A discussão acerca da Reforma do Ensino Médio (NEM) tem ganhado cada vez mais repercussão, entre os jovens periféricos do município de Campinas não é diferente, devido às mudanças que foram atribuídas. No processo de mudança, diversas promessas realizadas não foram aplicadas, seja de maneira ampla ou em determinadas escolas, evidenciando diversas

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é produto de uma pesquisa de Iniciação Científica no Ensino Médio. Agradecemos ao CNPq e a Unicamp pelo fomento da presente pesquisa.

<sup>2</sup> Aluno bolsista do PIBIC-Ensino Médio pelo Instituto de Geociências. Aluno da Escola Estadual Professor Reverendo José Carlos Nogueira

<sup>3</sup> Aluna bolsista do PIBIC-Ensino Médio. Aluna da Escola Estadual Dr. Telêmaco Paioli Melges.

<sup>4</sup> Aluno bolsista do PIBIC-Ensino Médio. Aluno da Escola Estadual Padre José dos Santos

<sup>5</sup> Mestre em Geografia pelo Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Campinas. Doutorando do mesmo programa e instituição.



contradições no modelo. De acordo com reportagem da Agência Brasil, em referência a um estudo realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), sobre a aceitação do Novo Ensino Médio:

Os resultados mostram que 56% dos estudantes, 76% dos docentes e 66% dos gestores estão insatisfeitos com as mudanças promovidas pelo Novo Ensino Médio. Na outra ponta, 40% dos estudantes, 17% dos docentes e 26% dos gestores disseram estar satisfeitos. Os demais estavam ausentes, não sabem ou não responderam (Tokarnia, 2023).

Dentre estas contrariedades observadas na reportagem, motivo de insatisfação dos alunos, professores e gestores, estão os novos percursos formativos, denominados ‘itinerários formativos’. Percebe-se que o modo como estes itinerários formativos foram estabelecidos na grade curricular, estão desmotivando os estudantes, que foram impostos a este modelo de ensino. Além disso, a diminuição da carga horária das disciplinas tradicionais (como ciências da natureza e ciências humanas) precariza a educação com a diminuição e perda.

Entendemos que os estudantes não tiveram direito à participação nas decisões da implementação do NEM, sendo uma articulação entre os setores públicos e privados que financiaram e demandaram este novo modelo, sendo que os setores privados ganharam ampla adesão dentro do público.

Deste modo, utilizaremos a metodologia do *Problem-Based Learning* (PBL), a partir de Castellar e Moraes (2016), em diálogo com o escopo teórico da Geografia, para explorarmos o NEM em nosso cotidiano de aluno-pesquisador. Para explorar e analisar o nosso cotidiano, optamos pelo emprego do recurso das narrativas, para ressaltar novas vivências. Assim, a escolha deste tema foi baseada em nossas vivências, experiências e frustrações enquanto estudantes de escolas estaduais do município de Campinas, percebendo por meio dos nossos próprios relatos, diversas contrariedades das expectativas apresentadas nas publicidades e marketing do NEM. Portanto, elencamos a seguinte pergunta-problema para a investigação: Como o novo ensino médio tensiona o cotidiano escolar do jovem campineiro e a construção do seu projeto de vida?

## Metodologia

Como metodologia de pesquisa e aprendizagem, utilizamos o Aprendizado Baseado em Problemas (PBL), seguindo a base metodológica dos projetos de PIBIC-EM realizados no



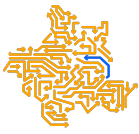
laboratório Ateliê de Pesquisas e Prática em Ensino de Geografia (APEGEO). O PBL é uma abordagem educacional que coloca os estudantes no centro do processo de aprendizagem, desafiando-os a resolver problemas do mundo real de forma colaborativa e interdisciplinar. Nesse método, os alunos são apresentados a um problema complexo e desafiador, que serve como ponto de partida para a investigação, discussão e a busca por soluções. Os estudantes são incentivados a aplicar conhecimentos prévios, desenvolver habilidades de pesquisa, comunicação e trabalho em equipe, e aprender de forma autônoma e ativa. O PBL promove a construção do conhecimento de forma significativa, estimula o pensamento crítico e a resolução de problemas, e prepara os alunos para enfrentar desafios do mundo real (CASTELLAR e MORAES, 2016).

Dentro do PBL, realizamos uma saída de campo para o Museu Afro Brasil, no município de São Paulo, em que nos deparamos à exposições sobre a história do Brasil, aos movimentos negros e aos movimentos dos povos originários do Brasil. Também visitamos Itaú Cultural, local em que havia uma exposição e homenagem ao Geógrafo brasileiro Milton de Santos.

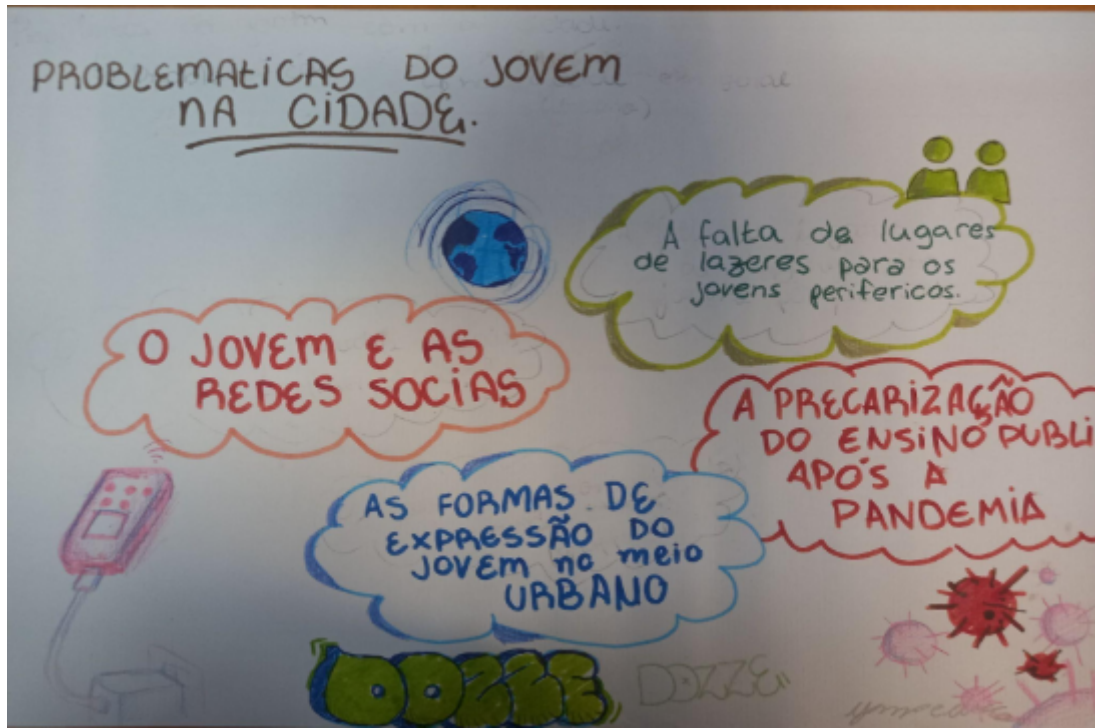
Após a saída de campo passamos a nos reunir semanalmente com encontros presenciais e virtuais intercalados, desenvolvendo atividades, leituras, narrativas com o objetivo de aprendermos sobre o nosso projeto. Este tinha que desenvolver uma relação das nossas vivências como jovens ligado ao município de Campinas.

Dentre as leituras realizadas nos encontros, uma delas foi a de Castellar e Moraes (2016), “Metodologias ativas: Resolução de problemas”. De acordo com as autoras, o PBL promove uma aprendizagem ativa e prática do conhecimento, levando ao desenvolvimento de habilidades por meio da resolução de problemas, pensamento crítico e criatividade ao abordar situações do mundo real.

Assim, a metodologia procura construir conhecimento crítico sobre um tema por meio do desenvolvimento de um problema, para posterior resolução. Dentro das etapas metodológicas, a presente pesquisa se concentrou na construção do problema, em que realizamos uma construção de mapas mentais de problemáticas no cotidiano de cada estudante, para sintetizar melhor no que nossa pesquisa se concentraria, como observamos na Figura 1 a seguir.



**Figura 1: Mapa mental sobre problemáticas do jovem na cidade.**



Elaboração própria

Na elaboração da Figura 1, aproximamos e dialogamos sobre os problemas que nós estudantes de escolas públicas de Campinas percebemos no nosso cotidiano. Essa atenção ao banal, fez com que olhássemos de perto para as coisas que passavam de forma despercebida ou rotineira, mas que ainda assim nos provocavam vontade ou interesse de problematizar mais sobre. Durante a discussão compartilhamos uns com os outros as nossas ideias para alinharmos nossas vontades.

Durante as leituras realizadas centralizamos assuntos relevantes às discussões colocadas, e encontramos como palavras-chave: Geografia, Juventude e Cotidiano. Como na obra, “A mente geográfica” de Doreen Massey (2017), são abordadas as diferentes visões geográficas do mundo, na qual pode variar a depender da região, localização, tempo e classe social que vivemos, o que reflete na questão geográfica que nos levou a questionar, o espaço em que ocupamos, a escola; “Uma Situação Geográfica do método a metodologia”, de Maria Laura Silveira (1999), abrange a necessidade de produzir uma metodologia vinculando as características presentes de um lugar com a sua história, havendo forte ligação com teórico



Milton Santos já na obra “Quadros Geográficos”, de Paulo César da Costa Gomes (2016), aborda sobre o modo de pensar da Geografia além das percepções costumeiras, criando uma hipótese de que a geografia é uma forma de pensar ordenada e hierarquizada, também nos auxiliou a fazer um levantamento além da percepção costumeira dentro daquele pequeno espaço que estávamos estudando, o ambiente escolar.

Como o livro “Primeiros passos da Reforma do Ensino Médio em São Paulo: o caso da rede regular de ensino”, organizados pelas professoras Dirce Zan e Nora Krawczyk (2022) que levantam de forma geral como a reforma do Ensino Médio foi construída judicialmente e se manifestou de tal forma como visualizamos hoje.

Assistimos e discutimos três documentários intitulados: “Rolezinho: Made in Periferia” (2015) no *YouTube* e “O dilema das redes” (2020) na plataforma de *streaming Netflix*, que discute como o modelo de negócios das redes sociais pode prejudicar os usuários que as utilizam. No documentário “Rolezinho: Made in Periferia” foi discutido sobre o pertencimento juvenil e os lugares em que esse jovem, em especial, o de periferia, poderia ocupar diante da relação de classes, A resistência dos frequentadores dos *shoppings centers* a entrada desses jovens tem relação direta com isso o que levou ao questionamento, será que isso também acontece em nosso ambiente escolar? Após isso assistimos o documentário, “Nunca me sonharam” (2020) no *Youtube*, que discute sobre a realidade dos jovens de ensino médio de escolas públicas no Brasil e a desigualdade no ensino brasileiro.

Após discutir sobre as leituras e documentários, partimos para as narrativas, que servirão de apoio para nossa pesquisa. A narrativa permite que o autor participe com seus argumentos, mas ainda que seja uma experiência do interlocutor, ela não está isolada, nem o faz dono da verdade. Uma narrativa é uma coleta de dados, ela pode ter descrições, análises, perguntas, descrições, associações, contextos históricos. Então cada bolsista do PIBIC-EM escreveu três narrativas.

A primeira sendo uma descrição da relação do aluno-pesquisador com sua escola descrevendo relatos de sua experiência e vivências, a segunda com a escolha de fotografias de um local na escola de sua preferência e uma descrição justificando o porquê o aluno escolheu aquele local, e a terceira narrativa se tratava da visão do aluno, tanto como pesquisador como estudante agente em meio ao NEM.



Participamos de uma oficina de narrativas e após a oficina decidimos que cada um dos estudantes-pesquisadores presentes, seriam intitulados como (ALUNO 1, ALUNO 2, ALUNO 3), que diz respeito privacidade dos pesquisadores e suas experiências descritas.

Na minha visão como estudante-pesquisador, percebo a decepção e revolta dos estudantes com o novo ensino médio. Notamos que as escolhas dos estudantes não foram ouvidas, chegando ao ponto em que nem mesmo nos itinerários formativos tivemos liberdade de escolha. Vejo que professores, gestores e escolas não estão totalmente preparados para essa mudança. (Aluno 1 – Narrativa 3).

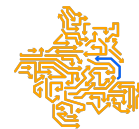
Deste modo, após discussões, leituras, documentários, e produções de narrativas elencamos um problema comum entre nós estudantes, dilemas envolvendo o “Novo Ensino Médio”. E construímos a seguinte questão problema: “Como o novo ensino médio tensiona o cotidiano escolar do jovem campineiro e a construção do seu projeto de vida?” para qual será explicada de forma mais detalhada na próxima etapa.

## Resultados e discussão

A partir da construção da questão-problema, começamos a procurar meios de direcionar a pesquisa, e decidimos partir da raiz. Isso é quando começou, como começou, onde começou e por que começou a reforma do NEM. Partindo deste ponto, compreendemos que a Reforma do Ensino Médio se deu início no ano de 2017, durante o governo do ex-Presidente da república Michel Temer (MDB), a partir de uma medida provisória que se tornou a Lei 13.415/17.

Como justificativa desta reforma acontecer no Ensino Médio, é a modalidade que obteve o maior índice de evasão escolar e notas em rankings que medem a educação no Brasil e no Mundo, sem falar que o Ensino Médio é a etapa mais próxima do mercado de trabalho, portanto com maiores interesses no mercado privado.

No ano de 2018 foi lançada a primeira versão da Base Curricular Comum Nacional (BNCC), que viabiliza as construções dos currículos dos estados. No ano seguinte, o Estado de São Paulo foi à frente com a ideia de uma reforma, com a Resolução SE 2/2019, que ficou conhecida como Novo Ensino Médio (NEM).



No entanto, a implementação da reforma só aconteceu na prática em São Paulo no ano de 2021, mas só teve sua efetivação no ano de 2022 quando o governo se aproveitou do cenário pandêmico para aprovar as resoluções do NEM (Freitas *et. al.*, 2022).

Ainda segundo as autoras, a reforma do NEM acabou sendo um dos maiores gastos de publicidade do governo estadual com uma política. O marketing realizado gerou promessas e expectativas sobre as mudanças, em especial, a possibilidade de escolha pelos estudantes seus itinerários formativos (livre escolha).

Na prática, não foi isso que aconteceu. As opções de escolhas, na verdade, se apresentaram como opções disponíveis para cada instituição de ensino e, conseqüentemente, para os alunos. Além disso, algumas escolas não tiveram o preparo e as condições necessárias para realizar esta reforma, gerando conseqüentemente a precarização do ensino. A mudança proporcionada pela reforma, ainda que utilize a premissa de melhoria da educação, não significa necessariamente esse discurso.

Toda esta reforma causou o sentimento de injustiça e descontentamento, que se revelaram nas discussões e leituras que realizamos. Sempre, nos bolsistas reclamávamos de algo que estava acontecendo na escola, sobre o NEM, e isso evidenciou os impactos em nosso cotidiano escolar, sendo estudantes (pesquisadores do PIBIC-EM) de escolas públicas estaduais do município de Campinas, que fomos inseridos nessa reforma de forma vertical, sem chance de escuta ou de opinar.

Para compor, sistematizar e compreender as nossas vivências como estudantes agentes do NEM, utilizamos das narrativas para compor o nosso questionamento:

A reforma do Ensino Médio foi como comprar móveis sem ter uma casa para colocar, digo isso por conta de que as plataformas digitais proporcionadas pela Secretaria da Educação precisam ser feitas a partir da internet, mas na minha escola nem todos os notebooks estão disponíveis para os alunos, sem contar o acesso a rede wi-fi que é muito lento (Aluno 3 – Narrativa 3).

Os alunos são os principais agentes desta reforma, e se torna contraditório um projeto de reforma que busca melhorar a qualidade de ensino, causar um sentimento de insatisfação neles.

Estima-se que todas as escolas do estado de São Paulo devam estar implantadas até 2024. Mas exigir essa implementação até 2024 deve ser questionada até porque existem várias questões que podem e devem ser problematizadas, como a retirada de algumas matérias



tradicionais do currículo, como Artes, Filosofia, Educação Física, Geografia, que desenvolviam

o criticismo dos estudantes e promoviam debates sobre no ambiente escolar, como na Geografia onde vemos temas como espaço, história, de uma determinada situação ou tema.

A desigualdade educacional é um problema, escolas alocadas em regiões menos favorecidas e com menos infraestrutura, ou recursos que possibilitem a adaptação desta nova exigência pode ampliar as diferenças de ensino de escolas para outras, provocando uma ampliação da desigualdade educacional.

A adaptação dos professores é uma questão a ser problematizada, muitos não tiveram o preparo adequado para o ambiente digital destas novas plataformas de ensino e suas exigências, virando um desafio para esses profissionais, que precisam lutar diariamente para conseguirem entregar uma aula de qualidade para os estudantes, tanto pela falta de recursos, quanto o pouco preparo ao NEM.

Ainda não podemos dizer que a reforma vai entregar o que promete. A ideia de um ensino mais personalizado e técnico tem suas potencialidades, mas as escolas são diferentes, cada uma tem sua localidade, história, e alunos únicos. Criar uma reforma pensando em escolas mais bem estruturadas e empurrar com a barriga outras não tão bem-preparadas pode prejudicar a exigência desta mudança e também as instituições de ensino com menor preparo e estrutura.

### **Conclusões e considerações finais**

A mudança do Ensino Médio para este novo currículo de aprendizagem, deixou os jovens estudantes de escolas públicas e estaduais do município de Campinas sem espaço para debates e discussões, sem vez para darem a sua opinião. Ademais, a proposta desta reforma implica em promessas não cumpridas, como por exemplo, a autonomia dos estudantes de poderem escolher os itinerários, que em tese prometia aos estudantes escolherem as áreas de formação, que contrariamente da promessa, tensiona os estudantes a escolherem o que a escola onde estavam matriculados poderia ofertar.

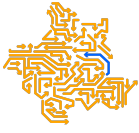
Isso afeta diretamente os alunos de escolas periféricas, pelo fato de o espaço escolar não possuir o suporte estrutural e técnico para a maioria dos itinerários, além da falta de



preparo e descaso com os professores e coordenação também é um problema em algumas instituições de ensino.

Em vista disso, nos vemos em um cenário, em que, a educação pública em escolas estaduais tem sido precarizada em interesse do favorecimento de setores privados aumentando a desigualdade de ensino e educação no nosso município, e no estado de São Paulo como um todo.

Diante desse cenário, torna-se evidente a urgência de repensar as políticas educacionais que envolvem a implementação da Reforma do Ensino Médio, especialmente no que tange à escuta ativa dos estudantes e à real garantia de equidade nas ofertas formativas. É preciso construir um modelo educacional que valorize a pluralidade dos territórios, respeite as especificidades das escolas públicas e promova condições estruturais e pedagógicas adequadas para o desenvolvimento integral dos jovens. Sem isso, a promessa de um ensino médio mais atrativo e formativo se transforma em um discurso vazio, que aprofunda desigualdades históricas e silencia aqueles que deveriam estar no centro do processo educativo.



## Referências Bibliográficas

Castellar, Sonia Maria e MORAES, Jerusa Vilhena de. **Metodologias ativas: Resolução de problemas**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

Gomes, Paulo Cesar Costa **Quadros Geográficos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

Krawczyk, Nora, ZAN, Dirce (Orgs.) **A Reforma do Ensino Médio em São Paulo: a continuidade do projeto neoliberal**. Fino Trato, Unicamp, 2022.

Massey, Doreen. **A mente geográfica**. UFF, 2017.

**Nunca me Sonharam**, RHODEN, Cacau. Amazon Prime, 2017, Streaming.

**O Dilema das Redes**, Jeff Orlowski, Netflix, 2020, Streaming

**Rolezinho, Made in Periferia**. Beatriz de Sousa Pusso, São Paulo, 2014, Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkYWahmFqyU>. Acesso em: 03 dez. 2023.

Silva, Carlos Henrique Ferreira *et al.* **Componente Curricular Projeto de Vida: Perspectivas de Professoras da Rede Estadual de São Paulo**. Psicologia: Ciência e Profissão, PUC Campinas, 2023;

Silveira, Maria Laura. **Uma situação geográfica, do método a metodologia**. Revista Território 1999; IV:21-8.

Tokarnia, Mariana. **Novo Ensino Médio não agrada maioria dos estudantes e professores**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 18 de Dezembro de 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-12/novo-ensino-medio-nao-agrada-estudantes-professores-e-gestores>. Acesso em: 05 mar. 2024.